

Especialista em inclusão realiza palestra sobre capacitismo para alunos do curso de jornalismo da Universidade Estadual de Londrina

Palestrante compartilha sua experiência pessoal e profissional para sensibilizar futuros jornalistas sobre a importância do combate ao capacitismo e a inclusão da linguagem

“Eu nunca pensei na possibilidade de ter um filho com deficiência, nunca pensei em ter um filho com necessidades específicas, nunca pensei em ficar na UTI com o bebê, a gente não idealiza essas coisas. Com dois meses nós descobrimos que ele tinha uma síndrome raríssima, deficiência motora intelectual e autismo secundário, e uma condição cerebral grave”. Relatou Leila Donária, palestrante e profissional da inclusão.

Os estudantes do primeiro e segundo ano do curso de jornalismo da Universidade Estadual de Londrina, participaram de uma palestra sobre capacitismo e inclusão na última quarta-feira (27), no departamento de comunicação. A palestrante convidada foi Leila Donária, especialista em treinamentos que visam conscientizar as pessoas sobre falas e atitudes preconceituosas e incentivar um ambiente mais inclusivo.

Donária conta que após a descoberta do diagnóstico do seu filho chamado Gabinho, foi preciso se reinventar após deixar a sua carreira como professora universitária, para dedicar totalmente a maternidade. Ela iniciou sua carreira como palestrante dando aulas sobre inclusão, em diversas áreas do conhecimento em universidades.

Foram abordados o ingresso e permanência de PcDs (pessoa com deficiência) no meio acadêmico, como professores, servidores e alunos. Apesar de serem 15% da população muitos não ocupam os espaços como a universidade. Embora exista cotas para PcDs as vagas não foram preenchidas, devido as barreiras de acessibilidade e atitudinais que são criadas no meio do percurso.

A palestrante enfatizou que expressões capacitistas são uma linguagem preconceituosa que reproduz estereótipos sobre pessoas com deficiência. Algumas falas reproduzidas parecem inofensivas, mas aumentam o estigma. Usar uma característica de uma determinada deficiência de forma pejorativa é ofensivo, como por exemplo, “você é surdo”, “retardado”, “achei que você era normal”, entre outras falas. Donária apresentou oito passos para promover a representatividade e a ética na cobertura jornalística, tornando os meios de comunicação mais inclusos e promovendo a diversidade.

Julia Torres, 19, aluna do curso de jornalismo, relatou os principais pontos que chamaram a sua atenção durante os temas abordados na palestra. “Achei uma palestra muito importante. Nunca tinha me aprofundado sobre o assunto e, ali, pude entender muitas coisas que eu pensava que não tinham nada a ver, que é errado se fazer ou falar. Ainda mais com uma pessoa que passa pela situação,

impacta muito mais para quem está ouvindo, pois vemos que a pessoa não está falando da boca para fora, e sim de uma realidade que ela vive.”

A professora Maria Luisa Hoffmann, responsável pela organização da palestra, destacou que os cursos de jornalismo no Brasil seguem diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação, que incluem eixos de formação. Um desses eixos, segundo Hoffmann, é a abordagem de questões humanas dentro do ambiente universitário. Amiga pessoal da palestrante, ela compartilha o quanto aprendeu com Donária, e como, por muito tempo reproduziu muitos termos preconceituosos que foram ensinados ao longo de sua vivência. Hoffmann revelou que se sentia incomodada ao ver jornalistas utilizando termos capacistas, por isso resolveu promover a palestra para conscientizar os seus alunos sobre o tema.